

Em Busca da Memória Perdida - Manuel Maria

Apresentação - Maria Dolores Garrido

Local - Biblioteca Municipal de Gondomar

Data - 25 de maio de 2024



Muito boa tarde a todos.

Quando Manuel Maria me convidou para apresentar o seu livro *Em Busca da Memória Perdida*, disse-lhe que sim, embora sentisse alguma hesitação, porque a responsabilidade era grande. Porém, como poderia dizer que não a um amigo, a um colega de profissão de muitos anos, a uma pessoa que leva a sério o que faz, um escritor que sabe elogiar o trabalho dos outros, não se focando apenas na sua obra que já é longa; um amigo que é um belíssimo poeta e um belíssimo prosador? Por isso, disse que sim, é claro.

Muito obrigada, Manel, pelo convite, pela amizade e pela confiança que depositaste em mim para esta viagem com o teu livro dentro. Agradeço também à Editora Lugar da Palavra que tantas palavras vai publicando, criando boas memórias em quem as escreve e em quem as lê. E é com muita alegria que estou aqui, na Biblioteca Municipal, um espaço cheio de luz e de que gosto muito. Aos presentes, agradeço desde já a paciência de ouvirem as palavras que preparei sobre este romance que hoje nos chega às mãos.

Recuando um pouco até dezembro último, recordo que Manuel Maria deu a ler este seu livro a um grupo do qual me sinto grata por fazer parte, porque, além de unido pela amizade, ama a leitura e a escrita. Nesse email, Manuel Maria dizia que o livro era o seu menino nascido pelo Natal. E, curiosamente, logo reparámos que o título *Em Busca da Memória Perdida* era composto por cinco palavras, como acontece com os seus romances anteriores, o que constitui uma notável coincidência.

A propósito de memória, conta-se que José Saramago, um dia, ao passar pelo convento de Mafra, disse que aquele monumento iria caber num livro. E assim surgiu o *Memorial do Convento*.

Também Manuel Maria produziu o seu memorial de aldeias de Resende e zonas mineiras, vindo a propósito uma questão que atravessa, amorosamente, toda a obra:

‘(...) E, bem vistas as coisas, o que somos nós sem memória?’

- Tens razão, mãe, o que somos nós sem memória?’ (p.104).

Neste livro, o autor teve a mestria de juntar duas histórias que se encaixam na perfeição. Uma decorre no presente ou, melhor dizendo, no passado recente da pandemia em que palavras como máscara, confinamento, vacinação, teletrabalho... passaram a fazer parte do nosso vocabulário quotidiano.

Na história do passado, cabem, para além de outros factos, ficcionados ou reais, duas grandes guerras e trabalho em minas de volfrâmio para que o pão não faltasse sobre a mesa.

O recuo ao passado não acontece por mero saudosismo, mas para preservar a memória de ‘alguém ou alguma coisa’, como é referido. Não será por acaso que a palavra Memória surge umas vinte e cinco vezes ao longo da obra, abrangendo múltiplos sentidos: memória de pessoas, ofícios, lugares, tempos, palavras, sabores...

De realçar a dimensão memorialista, o sentido de observação, o talento literário e o trabalho de pesquisa de Manuel Maria.

Conheçamos então as duas famílias com dezenas de anos a separá-las, mas unidas por alguns laços.

Sem desprimor para todas as outras, destaco uma personagem de cada um desses grupos familiares. Da história do presente, elejo Leopoldo, homem de família, bem humorado, carinhoso e que tomou a iniciativa de escrever um livro sobre as suas origens que não quer ver perdidas nem esquecidas. O título que lhe deu foi *Em Busca da Memória perdida*.

Leopoldo é o patriarca da família que vive no século XXI e que é constituída por ele e pela sua mulher Clara; pela filha Serena, casada com Plácido, e pelos dois filhos pequenos do jovem casal. Todos vivem no Porto em conforto social e económico.

Um dia, Serena descobre por acaso um livro que o pai anda a escrever. Em conversa com o marido, este diz-lhe:

‘(...) o teu pai terá entendido ter chegado o momento de escrever sobre o que sabe para memória futura. É também uma forma, como diria Camões, de libertar da lei da morte, ou do esquecimento (...) os antepassados’ (p.129).

Como Leopoldo escreve no seu portátil, eu trouxe esta imagem ([slide nº 2](#) – computador com o título do livro no écran) para o representar. Com ela, pretendo também lembrar as pessoas que escrevem, acarinhando e sendo acarinhadas. Vejamos o exemplo de Clara que justifica o facto de não fazer perguntas ao marido para que o processo criativo e o necessário silêncio não sejam interrompidos.

Diz ela à sua filha Serena:

'Não é que não tenha a minha curiosidade – porque não confessá-lo? -, mas a escrita é um exercício de solidão. Solidão que é compensada com o convívio do escritor com as suas personagens' (p.39).

Este convívio, digamos que imaginário, deixa saudades depois de o escritor concluir o livro, o que é reiterado por Maria Clara Miguel, a propósito do seu diário a que deu o sugestivo título *Diarinhando*,

Voltando ao romance em análise, as duas histórias distinguem-se com muita nitidez, apesar das interações. Por exemplo, Fião e Vitória são os avós de Leopoldo.

A família mais antiga, cuja vida decorre nas primeiras décadas do século XX, é, então, constituída por Fião, pela sua mulher Vitória e pelos sete filhos do casal. As raparigas dedicam-se sobretudo à casa e os rapazes, ao campo. Vivem numa aldeia do concelho de Resende e o dinheiro é escasso para fazer face às despesas diárias.

Nesse tempo, não havia luz elétrica, nem água canalizada, muitas casas de banho eram fora da habitação e não havia escolaridade para todos, como, felizmente, hoje acontece.

Vitória é, sem dúvida, a minha personagem preferida. Sendo ela uma artesã, eu trouxe esta peça de artesanato ([slide nº 3](#) – uma boneca em tecido, com roupas antigas de aldeã) para a representar. Ela vendia cobertores que tecia no seu tear.

Se eu soubesse pintar, faria um retrato desta mulher. O olhar seria doce, o sorriso sereno mas decidido e um grande coração teria de ser adivinhado.

Fião, o marido, referindo-se a ela, dizia sempre 'a minha Vitória', podendo inferir-se que, se a sua vida era vitoriosa nalgum aspeto, à mulher se devia.

Vitória era, assim, por natureza, a matriarca da família, generosa, prática e ágil na vida familiar e no seu negócio dos cobertores e das cavacas, que também fazia. Com espírito crítico, reagia perante injustiças, como a que viveu num domingo de Páscoa em que o padre não entrou em sua casa com o compasso, devido à cômrua que estava por pagar.

De facto, as dificuldades económicas da família eram muitas e, por isso, Fião resolveu procurar trabalho em minas de volfrâmio, optando por Regoufe, a dezenas de quilómetros da sua aldeia de Vinhós. Ao longo do percurso a pé, através de serranias, foram sucedendo peripécias divertidas, mas também imprevistos, que o leitor descobrirá.

O caminho durou vários dias e o descanso noturno era propício para que Fião e Juca Carioca, também companheiro de viagem, partilhassem memórias marcantes nas suas vidas.

Destaco a batalha de La Lys, na qual Fião havia participado. O cenário de guerra ficara-lhe de tal maneira gravado na memória que passou grande visualismo para a sua descrição.

Por outro lado, num tempo e espaço bem mais próximos, a visão, a audição e outros sentidos convergem em cenário festivo e paradisíaco em que as cerejas da região se adivinham:

‘No extremo voltado para o rio Douro – que, havia escassos dias, atravessara no rabelo do Albino barqueiro -, com um deslumbrante manto de cerejeiras em flor em fundo, a feira de gado animava-se com tudo quanto era espécie, que quase fazia inveja à arca de Noé’ (p.95).

São frequentes quadros humanos e poéticos em que sobressaem diferentes sensações e sentimentos, como o seguinte em que pares de adjetivos os ajudam a completar:

‘Juca Carioca pregou o seu olhar, sério e enigmático, no do amigo, franco e solidário’ (p.141).

Prestemos agora atenção à beleza e expressividade do adjetivo ‘dolente’, em duas situações em que a palavra traduz grande musicalidade.

Encontrando-se Serena na casa que havia sido dos seus bisavós: ‘(...) reparou no fio da água que caía dolente da bica para o tanque’ (p.25).

Num outro momento, após forte trovoadas que amedronta Felícia, a filha mais nova de Vitória, o adjetivo dolente parece devolver a serenidade à aldeia: ‘(...) e o que se ouvia agora com nitidez era o dobre dolente dos sinos da igreja (...)’ (p.31).

Outra área que também muito me agrada são jogos de palavras que transmitem bom humor e veiculam aqui e ali deliciosa malícia.

Por exemplo, Leopoldo, vendo a enfermeira equipada e protegida contra a covid-19, exclama: ‘Parece uma astronauta’ (p.10).

Também ele refere a propósito de um problema de saúde: ‘Posso ter pieira, mas não quero ficar sem pio’ (p.11).

Numa outra situação da história do passado, Vitória, vendo que dois dos filhos se tinham ausentado ao cair da noite sem nada dizerem, mostra a sua preocupação a uma filha que reage com alegre marotice:

- ‘Ó minha mãe!... Já cai a noite?! Tanto melhor!... E, por acaso, vem cá alguém pela nossa água? Aquilo é para ver se ajudam alguém a levantar o cântaro. A erguer o cântaro e a erguer...

- Armanda!... Vê lá o que dizes, porque já tens idade para ter juízo’. (p.139).

Ou então, esta fala de Fião que, mordaz, usa duplo sentido das palavras:

‘Aqui vive um ferrador, mas, como é domingo de Páscoa, também as bestas têm direito ao descanso’. (p.68)

E também tem graça a suave intromissão do narrador, que entra discretamente na história, para dizer que ‘não é de bom tom estar (...) a especular’ (p.127).

Outro aspeto muito feliz da obra é a vivacidade dos diálogos. Manuel Maria é exímio na sua construção. Eu diria que a sua experiência com grupos de teatro que dinamizou, nomeadamente na Escola Secundária de Gondomar, terá contribuído para o apuro comunicativo em que as palavras surgem certas e na medida certa, como mostra este exemplo às portas das minas de Regoufe, em que Fião dialoga com o suposto capataz ou angariador de trabalhadores:

- Está Vosselência a contratar só para o interior da mina ou também para outras fainas?
- Porquê? É mestre em algum ofício em particular?
- Não, senhor.
- Então só poderá ser recrutado para a mina.
- Para a mina, não, que o senhor doutor disse que sofro de... Não sei dizer, que é uma palavra muito difícil, mas sinto um pavor sempre que me encontro num sítio fechado, principalmente às escuras. É espontâneo, não é que eu queira.
- Quer dizer que entra em pânico...
- Sim.
- Sofre então de claustrofobia.
- Isso, foi essa a palavra que utilizou o senhor doutor. Disse ele que pode ser o resultado desses espaços me fazerem lembrar as trincheiras e os abrigos na Flandres.
- Trincheiras? O senhor esteve?...
- Estive. Sou um dos combatentes sobreviventes da Primeira Grande Guerra.' (p.99).

Na linguagem utilizada neste diálogo e em muitas outras situações da narrativa do passado, existe uma deleitosa e campestre autenticidade. Por seu lado, Juca Carioca, recém-chegado do Brasil, alegra a vida da aldeia com a doçura do seu sotaque e algumas palavras diferentes. Tanto ele como outras personagens incluem nas suas falas provérbios para expressarem melhor o que querem transmitir.

São abundantes ao longo da obra e alguns entraram neste saquinho e tirei dois ([slide 4](#) – um saquinho antigo, em tecido, com uma tira cosida e onde se lê: Provérbios).

'Na terra aonde fores ter, faz como vires fazer' (p.61).

'Bem me dizia o meu pai: Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso' (p.71).

'Inverno de março e seca de abril deixam o lavrador a pedir' (p.100).

Os provérbios são ditos populares que revelam conhecimento, sabedoria e lições de vida. Em muitos casos, contêm algumas palavras da memória que colho gostosamente, assim como ao longo de muitas páginas.

Eis alguns dos muitos vocábulos que entraram na obra ([slide 5](#) – um saquinho antigo, em tecido, com uma tira cosida e onde se lê: Palavras da memória).

'Faltavam poucos regos para terminar a sementeira da batata numa das belgas ([slide 6](#) – com a palavra sublinhada) abaixo da casa' (p.27).

Belga - pedaço de campo cultivado.

‘Correu atrás do padre para lhe pedir uma satisfação, mas apenas ouviu:

- Fião, vens a correr pagar a côngrua?’ (p.34).

(slide 7 - idem).

Côngrua – renda paga aos padres para seu sustento.

‘Estou, meu pai - respondeu Nilda, que em vez do taleigo, tinha um baú como os das cavacas para levar à cabeça com uma rodilha’ (p.154).

(slide 8 - idem).

O taleigo (slide 9) era um saco de pano que servia para transportar alimentos, recordando sabores e também a escassez do passado em que o desperdício não tinha lugar, mas havia a vontade de repartir o pouco que havia.

Vejam algumas dessas ocorrências:

- ‘A minha mãe mandou que perguntasse a vossemecê se tinha pão.

- Tenho, sim, que comprei, na venda, um trigo de quatro cantos. Mas agradeço.

- Nós, trigo não temos, que só o comemos ao domingo, mas pão de milho... Cozemos uma fornada para toda a semana’ (p.76).

- ‘Maria, tens caldo que chegue para mais três?

- Tenho. Caldo de berças (sopa de couves) - (p.157).

(slide 10 - com a palavra sublinhada).

Depois de alguns dos manjares antigos, ainda que frugais, queria referir deleites da alma que alimentam naturalmente a vida das duas famílias protagonistas da obra e que são o amor, a ajuda mútua, a compreensão, o respeito, a delicadeza...

Alguns destes valores estão presentes até num pequeno diálogo entre Leopoldo e a filha Serena, depois de terminado o livro.

Escutemo-los, então:

‘Quando juntou a última folha às restantes, como permaneceu em silêncio, perguntou o pai:

- Não dizes nada?

Serena sentia um nó na garganta e fez-lhe sinal para esperar.

- Desculpa, estou emocionada – disse finalmente.

- Só prova que tens sensibilidade.

- Mas confesso que estava à espera dum final diferente.

- Porquê?' (p.174)

Deixo-vos esta última interrogação como desafio de leitura.

E, quase a chegar ao fim desta minha viagem, quero apenas partilhar um desejo que espero em breve concretizar: visitar aldeias que entraram nesta obra, nomeadamente Vinhós e a aldeia de Regoufe, agora com as minas em ruínas (slide 11 – mapa com estradas atuais entre Vinhós e Regoufe), levando comigo o objeto mais especial que nos reuniu aqui nesta tarde e que é o romance *Em Busca da Memória Perdida*, de Manuel Maria. Dito de outra forma: um memorial no qual também assenta o futuro.

Muito obrigada, mais uma vez, e boas leituras.

Alguns provérbios que surgem no romance:

'Era 6ª f santa, na primeira semana de abril, e, segundo rezava o ditado, era mês de águas mil' (p.28).

'Armanda fazia parte dos outros. E quem parte e reparte e não fica com a melhor parte.... E deu uma gargalhada' (p.29).

'E mais lhe digo: A casa do teu amigo não irás sem ser requerido' (p.37).

'Na terra aonde fores ter, faz como vires fazer' (p.61)

'... é bem certo o ditado: não deixes para amanhã o que podes fazer hoje' (p.72).

'Então não é verdade que Deus ajuda quem cedo madruga?' (p.75).

'Ainda que o queiramos esconder, andamos todos nervosos e ansiosos, e depois dá nisto... Mas não há mal que sempre dure (...) nem bem que se não acabe, não é assim que reza?' (p.81).

'Inverno de março e seca de abril deixam o lavrador a pedir' (p.100).

'Em relação ao S. Miguel, logo se verá, porque, enquanto o pau vai e volta, folgam as costas' (p.128).

'Quando a esmola é grande, o pobre desconfia' (p.140).